

POPULISMO BOLSONARISTA E PERSPECTIVAS POLÍTICAS E COMUNICACIONAIS:

análise da última live de Jair Bolsonaro na presidência

Vinícius Borges Gomes¹

34

Resumo: O ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (PL), notabilizou-se por criar um movimento político de direita e extrema direita calcado em conservadorismo, defesa de um Estado militar e conjugado a uma economia liberal. Derrotado nas eleições de 2022, o político encerrou suas aparições públicas em uma *live* dirigida aos apoiadores mais engajados sob sua liderança. O artigo estuda, portanto, os elementos do Populismo Bolsonarista a partir das evidências presentes no último comunicado feito por Bolsonaro enquanto ocupava a cadeira presidencial. O trabalho estabelece o diálogo teórico com elementos populistas, a promoção de um negacionismo científico e as especificidades políticas e comunicacionais do bolsonarismo.

Palavras-chave: Populismo, Negacionismo, Mídias digitais, Bolsonarismo.

Abstract: The former president of Brazil, Jair Bolsonaro (PL), became noteworthy for creating a right-wing and far-right political movement based on conservatism and defense of a military state combined with a liberal economy. Defeated in 2022, the politician ended his public appearances in a live transmission for the most engaged supporters under his leadership. The article studies, therefore, the elements of Bolsonarist Populism based in the evidences present in the last speech made by Bolsonaro while occupying the presidential chair. The work establishes a theoretical dialogue with populist elements, the promotion of scientific denialism and the political and communicational specificities of Bolsonarism.

Keywords: Populism, Denialism, Digital media, Covid-19.

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP). Mestre em Comunicação na linha "Comunicação e Poder" pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2018). Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de São João Del-Rei (2014), atuando principalmente no debate e pesquisa da interface entre comunicação e política. É membro do Núcleo de Estudos em Comunicação e Teologia (NECT) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG).

INTRODUÇÃO

Jair Messias Bolsonaro (PL) governou o Brasil de 2019 a 2022. Durante o quadriênio, fortaleceu sua postura enquanto líder de direita e extrema direita a partir de estratégias comunicacionais baseadas em um discurso de forte apelo conflitivo. Enquanto canais de comunicação, optou por privilegiar as mídias digitais – espaço em que o próprio já havia conquistado grande popularidade antes de conquistar o cargo, nas eleições de 2018.

Um dos principais instrumentos usados por Bolsonaro foram as *lives* semanais, exibidas às quintas-feiras, em especial no *Facebook* e no *YouTube*, com retransmissão em outras mídias e até em canais tradicionais de apoiadores. Os pronunciamentos, feitos de forma objetiva, tinham duração média de uma hora e tinham como principais objetivos a divulgação das ações do governo e a constante mobilização dos apoiadores em torno das teses defendidas pelo governo.

Um dos elementos mais expressivos da comunicação de Bolsonaro durante seu governo se deu durante a pandemia da COVID-19, quando o mandatário, notório crítico das medidas sanitárias mais comuns adotadas em meio à proliferação de doenças virais, postou-se como um dos principais líderes a antagonizar com outras autoridades estaduais e municipais, além de estabelecer um embate aprofundado com a mídia, usando ele próprio uma rede de comunicação alternativa, particularmente nos temas ligados à pandemia. Bolsonaro não endossou uso de máscaras, foi crítico às vacinas e divulgou medicamentos sem comprovação científica para o tratamento da doença.

Da Empoli (2020) indica que há uma crise de confiança instaurada na sociedade. Os elementos básicos de cooperação social, que sustentam a credibilidade de atores e instituições, estão ruindo e a desconfiança com relação a determinados campos sociais faz eclodir um clima de instabilidade. Para D’Ancona (2018), essa crise de confiança é a base social da pós-verdade.

A postura de Bolsonaro durante a pandemia gerou muitas críticas e acabou por dar o tom da forma como o Executivo passaria a agir desde então. O discurso de defesa da economia, dos empregos e dos direitos dos cidadãos foi elaborado como contraposição a alguns atores sociais, notadamente a mídia e grupos políticos adversários. A estratégia, consonante a outras ações observadas na carreira do ex-presidente, é apontada como portadora de contornos populistas (CESARINO, 2019).

Apesar da dificuldade em conceituar populismo, diante da complexidade em estabelecer uma definição que capte o fenômeno em diferentes contextos culturais e históricos (ROODUJIN et al., 2019), toma-se emprestado de Finchelstein (2019) o princípio basilar de que o populismo se configura como uma forma de invocação do povo por parte da liderança em vista de suplantar o

debate político. A construção do binarismo entre “nós” e “eles” visa a criar um clima de disputa e, por vezes, certa hostilidade contra o inimigo comum. O líder populista, encarnando o desejo do “povo”, passa a falar em nome dele e assume a personificação das lutas que evoca.

Nesse sentido, o artigo tem por objetivo operar uma discussão da vertente populista do Governo Bolsonaro, estudando o conceito do Populismo Bolsonarista e aplicando uma análise de conteúdo a partir da última *live* feita pelo ex-presidente enquanto esteve no cargo, no dia 30 de dezembro de 2022. Busca-se responder como os elementos do movimento político estiveram presentes e de que forma eles se articularam ao contexto de então: cenário pós-pandemia² e de grande efervescência política e ameaças golpistas.

POPULISMOS:

conceito em debate e o populismo digital

A vitória de Bolsonaro (PL) no pleito eleitoral presidencial de 2018 ocorreu sob uma série de fatores específicos, em particular no que tange aos fatores comunicacionais. Embora beneficiado por ampla exposição televisiva após sofrer um atentado durante a campanha no primeiro turno, o então candidato do PSL não dispunha de significativo tempo no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE). Contudo, mesmo antes da comoção nacional provocada pelo ataque sofrido e do ganho midiático natural, o presidenciável já pontuava com intenção de voto competitiva nas pesquisas eleitorais.

Muito presente nas redes sociais, Bolsonaro mobilizou significativo grupo de apoiadores e conquistou intenso apoio de uma militância engajada. Cesarino (2020) propõe o conceito de populismo digital para explicar parte do sucesso eleitoral do capitão reformado. A autora promoveu um estudo imersivo junto a grupos de WhatsApp em apoio ao então candidato e observou tendências e comportamentos presentes no discurso de campanha. A principal estratégia foi criar um ambiente de operação direta entre o político e seu público. Ela afirma que estava clara a intenção do candidato de valorizar esse canal exclusivo de comunicação, inclusive com incentivos para que os eleitores desligassem a TV e se informassem pelas mídias digitais a respeito do processo eleitoral.

O populismo digital (Cesarino, 2020) constitui-se, essencialmente, na digitalização do populismo através da arquitetura de redes, que permite uma operacionalização amplificada das

² Embora a pandemia não tivesse sido encerrada em dezembro de 2022, quando Bolsonaro fez sua última *live* presidencial, o uso do termo “pós-pandemia” dá conta de um contexto posterior aos dias de mais gravidade e restrições, experimentados, sobretudo, em 2020 e 2021, além do início de 2022.

narrativas dos líderes. A nova ambiência propicia experiências múltiplas e formas de relação ainda mais próximas entre o líder e seus seguidores embora conserve um paralelismo com determinadas formas de comunicação empreendidas pelo populismo pregresso e seus formatos analógicos. A autora recorda, por exemplo, a utilização do programa “A Voz do Brasil”, utilizado pelo então presidente Getúlio Vargas para aproximar seu discurso da população brasileira e empreender uma propaganda de apelo às classes trabalhadoras.

37

Outra profunda diferença entre o populismo digital e a concepção clássica do populismo é a possibilidade de fractalização (Cesarino, 2020). O próprio líder distribui seu conteúdo, que passa a ser gerido, compartilhado e até repensado pelos seguidores. É mais importante a capacidade de viralização e potencial de engajamento do que a habilidade de oratória e carisma centralizados no líder. As lives do ex-presidente pelo Facebook promovidas todas às quintas-feiras, estabeleciam esse caráter fractal na medida em que eram fundamentadas em roteiros prévios que dialogam com a rede de apoio do presidente e a subsidiavam para replicar e reagir àquilo que o próprio presidente e seus convidados levantavam como destaque.

O conteúdo gerado não era apenas replicado por meio de compartilhamentos, mas reexistia em outros formatos, como cortes dos vídeos, comentários e repercussões em redes bolsonaristas e produção de memes dentre outros. A produção de um canal midiático exclusivo (Cesarino, 2019) é uma das características do populismo. A estratégia do ex-presidente era abertamente exclusivista na medida em que se constituía de forma coordenada em seus perfis nos sites de redes sociais, mas também na crítica à imprensa tradicional.

Além do estabelecimento desse tipo de canal intimista junto ao público, o populismo opera na criação de uma fronteira antagonística entre o amigo e o inimigo – os adversários de Bolsonaro eram sempre aqueles que demonstravam alguma discordância do próprio Governo, sobretudo a imprensa; a equivalência entre liderança e povo – o ex-presidente falava em nome do povo e se colocava como um defensor deste diante do que considera autoritarismo de outras lideranças políticas, como governadores e prefeitos; a mobilização permanente através da ameaça de crise – os discursos também funcionavam como forma de enviar recados aos adversários e a supor os possíveis riscos catastróficos causados pelos adversários; e o espelhamento do inimigo e a inversão de acusações – constituído, entre outras estratégias, na reiterada referência ao PT e às acusações de corrupção de governos progressos.

A relação do *modus operandi* da política de Bolsonaro é associada também a elementos próprios do fascismo. Silva Junior e Fargoni (2007) identificam os preceitos que se apoiam na disciplina, conservadorismo e religiosidade. Os autores ainda apontam o forte caráter militarista do Governo além da presença do anti-intelectualismo e do negacionismo científico. Finchelstein

(2019) compreende a política populista como uma derivação do fascismo. A principal diferença entre ambos está no fato de que o populismo rejeita a violência extrema – característica expressiva do movimento fascista. O autor ressalta que o fascismo é um ataque contrarrevolucionário às principais revoluções progressistas do século XIX. Também, colocou-se como a antítese do comunismo após a Revolução Russa de 1917. A matriz ideológica é constituída de binarismos tradicionais como o “nós contra eles” ou “a civilização contra a barbárie” e “o povo contra seus inimigos”. Porém, é na constituição da ideia do outro como um inimigo fundamental que os fascistas encontraram um elemento marcadamente explícito dos atos violentos e justificados. Finchelstein (2019, p. 79) completa: “O fascismo era uma religião cívica e um sistema de crenças”.

Para Finchelstein (2019), os regimes populistas pós-fascistas se caracterizaram pela criação de uma forma autoritária de democracia, mas que era firmemente constituída na rejeição à violência extrema do fascismo. Esta, na lógica fascista, era compreendida não apenas como instrumento, mas como forma de intuição e criação. Pensar o populismo como uma reformulação do fascismo pós-guerra é central para a concepção do autor. Ele, no entanto, ressalta que definições simplistas não dão conta da conceituação das variáveis possíveis no estudo dos diversos movimentos populistas. No intuito de dar conta dessas especificidades é que este artigo propõe a discussão de outros conceitos contemporâneos sobre o populismo, sobretudo diante das novas possibilidades comunicacionais. Da esquerda à direita, entretanto, aspectos comuns aproximam as várias experiências populistas. Uma rejeição prática à ditadura embora construa elementos autoritários dentro da democracia; a percepção dos adversários políticos como os inimigos anti-povo e traidores da nação; um fraco entendimento do Estado de Direito e da separação dos poderes; a exaltação do nacionalismo radical; a afirmação da antipolítica; o profundo antagonismo e a aversão ao jornalismo independente; e a aversão ao pluralismo e à tolerância política.

Os elementos destacados encontram eco naquilo que foi a política de Bolsonaro. Eatwell e Goodwin (2020) pontuam que o brasileiro é um dos representantes do nacional-populismo, compreendido como um movimento que desafia as democracias liberais do Ocidente através de movimentos nacionalistas ou ultranacionalistas baseados, especialmente, na desconfiança junto às instituições políticas. Outros exemplos parecidos apontados pelos autores são: a eleição e o governo do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump (2017-2021), o Brexit no Reino Unido e alguns fortes movimentos nacionalistas na Europa, particularmente na Hungria e na França.

Uma das diferenças explícitas dessas novas experiências populistas é a forte conexão com o universo digital. Gerbaudo (2014) propõe o conceito de populismo 2.0, no qual as redes sociais constituem ferramentas para uma emergente política de massa digital *antiestablishment*. Conforme o

autor, o populismo 2.0 é designado como uma orientação ideológica, na qual os políticos capitalizam o poder e a influência das mídias sociais para disseminar o ideário populista e promover ataques institucionais. No Brasil, a mobilização social no entorno do ex-presidente Bolsonaro tem sido associada, em larga medida, aos ataques às instituições democráticas, sobretudo ao STF, mas também ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e ao Poder Legislativo.

39

A experiência de um tipo de populismo, que ataca as instituições e utiliza o aparato digital para campanhas complexas e altamente potentes, tem sido comum em movimentos de direita ao redor do mundo. Entre os ciberativistas, os de extrema-direita ganharam destaque, em primeiro lugar, pelo uso pioneiro que fizeram do ciberespaço. Da Empoli (2020) assegura que o movimento de direita nacionalista é sustentado por uma cooperação transnacional. O autor cita Steve Bannon como um dos principais operadores dessa cooperação. O ex-estrategista-chefe da Casa Branca no Governo Trump foi um dos principais articuladores da eleição do republicano. Sua ação, contudo, não ficou circunscrita aos EUA. Em 2018, fundou “O Movimento” – grupo internacional de extrema direita com ação focada na Europa. O estrategista também demonstrou apreço a Jair Bolsonaro (PL) por ocasião da primeira visita do presidente aos EUA em 2019. Steve Bannon organizou a projeção de um documentário sobre Olavo de Carvalho, considerado um influenciador ideológico do movimento bolsonarista. A cerimônia contou com a presença do filho do presidente, o deputado federal Eduardo Bolsonaro.

Para Da Empoli (2020), a colaboração não é apenas simbólica, mas tem alterado os contornos do ciberespaço. O autor sustenta que está em desenvolvimento uma cadeia global que reúne lideranças capazes de conduzir operações de desinformação. O resultado é um impacto geopolítico de grandes proporções, inclusive com a replicação de estratégias e fórmulas que nacionais-populistas utilizam em várias partes do mundo. A identificação de estratégias Bolsonaro com ideias populistas são, portanto, associadas a especificações do populismo 2.0 (Gerbaudo, 2014) – relacionado à digitalização das premissas populistas tradicionais ou ao nacional-populismo (Eatwell; Goodwin, 2020) – é uma forma de relacionar os fenômenos nacionalistas do século XXI e algumas de suas especificidades, notadamente o discurso nacionalista conservador.

As definições, todavia, convergem para pontos comuns do que tem sido abordado a respeito do populismo, o qual, como sustenta Laclau (2005), pode operar em dinâmicas e contextos dos mais diversos, sendo um fenômeno constitutivo do fazer político. É objetivo, entretanto, avançar o debate para a ideia do populismo digital e suas construções narrativas de contrariedade à autoridade epistêmica.

POPULISMO, CIÊNCIA E RAZÃO NEOLIBERAL:

articulação epistêmica de contestação à autoridade científica

O ataque de políticos considerados populistas às autoridades científicas bem como a proliferação de teorias da conspiração e a descredibilização de instituições mediadoras permitem que haja um questionamento e uma investigação a respeito de como formas de populismo contemporâneas têm operado face à conjuntura de digitalização da política e da amplificação de circulação de conteúdos alheios aos campos sociais constituídos em seus lugares de poder.

Ylä-Anttila (2018) propõe dois conceitos importantes para abordar o que ele chama de conhecimento populista ou política da pós-verdade. O primeiro é o “populismo epistemológico”, segundo o qual o conhecimento é baseado nas experiências de pessoas comuns. O “contraconhecimento” se refere às contestações da autoridade epistêmica ao defender autoridades de conhecimento alternativo. Ylä-Anttila (2018), ao citar Giddens (1991), lembra que o conhecimento e formas de especialização estão largamente disponíveis para todos. Todavia, grande parte da sociedade não dispõe dos recursos e energia para apreendê-los. O autor argumenta que a crença no conhecimento alternativo não é mera irracionalidade, mas parte de uma insegurança ontológica, que pode influenciar no descrédito que muitos passam a alimentar diante de autoridades do conhecimento tradicional para depositar confiança em outras lideranças.

Medee e Schäfer (2020) propõem o conceito de “populismo relacionado à ciência” para estudar as experiências populistas em relação à autoridade epistêmica, especialmente considerando seus fatores políticos associados. Os autores, no entanto, salientam que algumas formas de ataque à ciência não são essencialmente elementos desse tipo de populismo. O adendo vai para: as preocupações éticas, legais e sociais relacionadas à biotecnologia; as “contrapesquisas” encomendadas por grandes corporações com objetivo de contradizer descobertas relacionadas ao aquecimento global; e as questões religiosas envolvidas em entreveros com certas pesquisas, sobretudo no campo da bioética.

Os autores delimitam o conceito a partir da construção de um antagonismo entre “povo” e “elite” – aspecto central do populismo – dentro de formulações epistemológicas, mais do que políticas, econômicas ou culturais. Dessa forma, o “povo” é constituído pelas pessoas comuns, seus valores, experiências, sentimentos e visões de mundo. A “elite acadêmica” é questionada, vista com desconfiança e colocada como um ente a ser confrontado. O “povo” compartilha valores, interesses e emoções alegadamente sustentados pelo crivo da experiência pessoal.

Para Medee e Schäfer (2020), o populismo relacionado à ciência atribui virtuosidade ao bom senso. No caso das “elites acadêmicas”, a crítica populista se dá num nível mais circunscrito. A crítica aqui se faz com relação à autoridade epistêmica e seu poder decisório ou de influência.

Ela passa a ser vista com desconfiança ou como parte de uma articulação que objetiva ferir valores universais e morais compartilhados pelo povo. Os ataques podem ser a atores específicos, como estudiosos e professores, como também a instituições e entidades que promovem pesquisas e publicações (Medee; Schäfer, 2020).

O papel das instituições acadêmicas também faz parte do rol de questionamentos e de contra-argumentações presentes no debate. Hannah Arendt (1972) sustenta que verdades inoportunas emergiram e emergem das universidades, o que as coloca sob a mira do poder que possam ameaçar. Porém, é a própria existência desses locais que garante a possibilidade de resistência a discursos autoritários. É em relação à democracia que a autora assenta sua principal preocupação para com a possibilidade de um domínio da falsificação. A filósofa alerta para o risco de governantes e governos lançarem mão da representação de modo desmedido, principalmente quando a fragilidade institucional ou a corrosão das instituições favorece esse cenário.

O questionamento ao papel das universidades e ao conhecimento científico foi uma prática do ex-governante, que, por parte de Bolsonaro e de alguns dos seus ministros, lançavam críticas e ilações a respeito das universidades públicas brasileiras, apontadas como celeiros de aparelhamento ideológico (Miguel, 2019). Embora as críticas feitas pelo ex-presidente, sobretudo às universidades públicas, se dessem num campo ideológico mais ligado às ciências humanas, onde a discussão política tem mais proeminência no seu sentido puro e objetivo, é também sintomático que o fazer acadêmico, por vezes, seja politizado e atrelado a supostos e alegados interesses de desgastar o líder.

Essa perspectiva conflitiva e de embate, própria do populismo, favorece a visão de que cientistas, acadêmicos e especialistas sejam descolados da realidade popular. O distanciamento fortalece a ideia de que eles são incapazes de fornecer soluções simples e práticas para os problemas urgentes. Soma-se a isso a incerteza científica que se choca com a busca pela previsibilidade da vida ordeira e comum capaz de encontrar respostas simplificadas nas experiências pessoais e coletivas.

O conceito de soberania é também apontado por Medee e Schäfer (2020) como um dos pontos centrais do populismo relacionado à ciência. Nele, quem deve ter o poder de tomada de decisão é o conjunto do povo, e não a diminuta elite e seus poderes associados a grupos ameaçadores. Há, inclusive, a perspectiva de pautar o que deve ou não ser pesquisado, estudado ou apresentado, numa tentativa de tutela do fazer científico por parte do poder político investido no líder e seus interesses.

Os autores ainda defendem que o conceito de “anticiência” não se enquadra no caso, porque vai além de um repúdio ao fazer científico, sendo muito mais uma readequação ideológica e estratégica em vistas de apoio à economia de mercado e a um ideal de ciência abstraído da cultura,

da política e da história. Medee e Schäfer (2020) também indicam que uma das possibilidades de ação do “populismo relacionada à ciência” pode estar em ideologias hospedeiras, como é o caso do liberalismo econômico, buscando promover soluções de mercado em vez de soluções prescritas por especialistas. Eles acrescentam as possibilidades do conservadorismo resistindo a avanços científicos e o libertarianismo enfatizando a liberdade individual contra medidas compulsórias.

A contraposição entre “saúde” e “economia” foi uma marca da narrativa de Bolsonaro à medida que sua crítica às medidas de distanciamento social encontra justificativa, sobretudo na defesa de que as atividades econômicas não cessem. Apoiado por notórios empresários brasileiros, como Luciano Hang e Carlos Wizard, o ex-presidente insistiu em não paralisar qualquer ramo da economia em face de medidas restritivas de evitabilidade da transmissão do coronavírus. Sob essa visão, governadores e prefeitos foram apontados como os grandes culpados por índices de desemprego e dificuldades financeiras, já que recaiu sobre eles a responsabilidade de lidar com os aspectos práticos e rotineiros do combate à transmissão.

Ylä-Anttila (2018) é claro em citar uma tecnocracia “objetivista” defendida por políticos populistas de direita. Os oponentes passam a ser vistos como errados não apenas em termos de moral e conhecimento, mas a partir de suas premissas epistemológicas sobre o mundo. Não se trata de um mero anti-intelectualismo, mas de uma estratégia clara e aberta em favor de uma visão positivista e até empirista face a formas consideradas prejudiciais à ideologia defendida por esses líderes e suas relações econômicas. A perspectiva da influência econômica em ataques epistêmicos engendrados no campo político também é sustentada por Caponi (2020) ao analisar a situação brasileira diante da pandemia da COVID-19.

A autora, em face dos números alarmantes diante da crise humanitária e sanitária vivida pelo País, aponta três contextos precedentes que estão diretamente ligados às consequências experimentadas: questões epistemológicas vinculadas ao negacionismo científico, questões ético-políticas vinculadas aos direitos humanos e estratégias biopolíticas vinculadas à razão neoliberal. Para a autora, o negacionismo se revela na aceitação das intervenções sem validação científica, como a defesa de ações terapêuticas sem eficácia comprovada ou a proposição de um “isolamento vertical”¹⁹ na contramão das orientações da OMS. As medidas são atreladas, uma vez que, existindo um tratamento eficaz, o isolamento se faz relativizado e há uma justificativa para flexibilizações. Caponi (2020) sustenta que imposição de medidas sanitárias e com potenciais riscos indica um flagrante desrespeito aos direitos humanos, porque assemelha os usuários a cobaias em uma espécie de “estado de exceção”. A razão neoliberal é percebida num contexto de desmanche da proteção social em favor de uma responsabilização individual do sujeito. O Governo de Bolsonaro, embora tenha estabelecido um auxílio emergencial em meio à pandemia, a exemplo de

várias nações do mundo, sempre colocou a perspectiva econômica numa medida de legalidade operacional mais do que de proteção social. Para ajudar o trabalhador, o Governo deveria permitir que este trabalhasse e não necessariamente ofertar um suporte econômico para que cumprisse medidas de distanciamento social.

ANÁLISE DA *LIVE* PRESIDENCIAL DE 30 DE JUNHO DE 2023: linhas gerais do Populismo Bolsonarista

43

Como método de análise, o trabalho utiliza da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). A narração da *live* foi transcrita e organizada a partir dos seus eixos temáticos, que se constituíram como unidades de análise. As categorias utilizadas foram baseadas no trabalho de Gomes (2021), que estudou as linhas populistas presentes no exercício comunicacional do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) nas redes. Jair Bolsonaro abordou seis temáticas, sendo que cinco delas estavam diretamente associadas ao exercício do Governo e no diálogo direto com o movimento – apenas a citação à morte de Pelé foi exceção.

Quadro 1: Temáticas abordadas na *live* de Jair Bolsonaro

| PAUTA | | CONTEÚDO |
|-------|---|---|
| 1 | Dificuldades do Governo Federal na pandemia | Guerra e pandemia influenciaram negativamente as ações do governo. |
| 2 | Defesa da liberdade/democracia | Alusão à força do bolsonarismo nas eleições e indicativo de que as liberdades individuais estariam sendo tolhidas. |
| 3 | Lista de ações do governo | Listagem de ações do Governo Federal com foco em temas morais e ações liberais na economia, |
| 4 | Morte de Pelé | Citação ao falecimento de Pelé e lamento pela morte do atleta. |
| 5 | Eleições 2022 | Comentário sobre as eleições e justificativa ao movimento sobre falta de ações específicas para atender os manifestantes. |
| 6 | Luta contra o comunismo | Momento de emoção em que Bolsonaro se defende de críticas e reforça a perenidade do movimento liderado por ele. |

(Autor, 2023)

Após a organização das temáticas principais, o trabalho seguiu os passos fundamentais da Análise de Conteúdo: (a) pré-análise: leitura flutuante do conteúdo e organização dos principais pontos; (b) análise: fase de compreender como as categorias eram acionadas em cada unidade de análise a partir das perguntas centrais do artigo; e (c) inferências: momento de deprender as interpretações relatadas a seguir.

A última live realizada por Jair Bolsonaro (PL) enquanto presidente da República se constitui como uma espécie de prestação de contas ao movimento bolsonarista, especialmente na justificativa para a não tomada de ações abertamente golpistas, como muitos dos atos antidemocráticos realizados no fim de 2022 pediam e propunham.³

O Populismo Bolsonarista, portanto, evoca seus principais pilares para manter-se vivo e atuante. Há a humanização do líder, que se expõe frágil num contexto martirial – categoria “Líder do Povo” (GOMES, 2021). No campo das ações políticas, o ex-presidente reforça a defesa de um Governo que reúne uma política liberal associada à defesa de pautas de costumes de viés conservador – categoria “Estado Nacionalista” e as subcategorias “Neo Estado Militar”, “Razão Neoliberal” e “Conservadorismo”. A estruturação do conflito é basilar para Jair Bolsonaro, especialmente na pauta anticomunista e no antagonismo criado contra a esquerda e o então presidente eleito Lula (PT) – categoria “Maniqueísmo e Conflito”. A categoria “Populismo Científico e Pandemia” também reaparece, ainda que o contexto da live se dê num período de pouco impacto da crise sanitária.

Quadro 2 – Categorias de Análise

| Categoria principal | Descrição | Subcategorias |
|--|--|---|
| Populismo científico e pandemia | Posicionamentos populistas com relação à pandemia: defesa de métodos, teses, medicações e protocolos antagonísticos aos propostos pelas principais autoridades sanitárias. | Oposição ao distanciamento social |
| | | Medidas farmacológicas sem comprovação científica |
| | | Relativização das vacinas |
| | | Cientificismo do Governo |
| Maniqueísmo e conflito | Manejo de ataques deferidos a adversários (pessoas e instituições) de modo a criar contraposição entre o bem – Bolsonaro e seu grupo – e o | Governadores e prefeitos |
| | | Imprensa |

³ <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/02/manifestacoes-golpistas-2-de-novembro.htm>>. Acesso em 16 de junho de 2023.

| | mal – inimigos do povo. | Outros |
|----------------------------|---|--------------------|
| Líder do povo | Autopromoção pessoal de um líder próximo ao povo, dedicado em ouvi-lo e atento aos sofrimentos e desafios. | |
| Estado Nacionalista | Promoção das ações do Governo com aspectos de ineditismo, calcado no protagonismo militar e na defesa de uma economia neoliberal. | Neo Estado Militar |
| | | Razão Neoliberal |
| | | Conservadorismo |

Fonte: Gomes (2021).

O “Populismo científico e pandemia”, que acabou sendo um ponto central do Governo, dada a conjuntura enfrentada no período, volta a ser pauta no roteiro de Jair Bolsonaro (PL). O ex-presidente se queixa do que chama de retirada da liberdade dos médicos, especialmente quando defendia que medicamentos sem comprovação científica pudessem ser receitados pelos profissionais. Bolsonaro recorda, ainda, de quando associou as vacinas contra a COVID-19 com a transmissão de HIV.

Eu, o ano passado, ou melhor, em 2020, li um trecho da revista Exame, que falava sobre COVID e HIV. Eu li duas linhas da revista Exame, estou sendo processado, estou sendo tratado como um criminoso. A revista que mostrou isso daí, meu ajudante de ordens, a mesma coisa (BOLSONARO, 2022).

As evidências da continuidade do Populismo Bolsonarista se dão na prospecção de continuidade das ações do movimento. O cálculo político de Jair Bolsonaro, contudo, requereu uma postura de justificativa. O mandatário preferiu deixar o Brasil e não se comprometeu de forma direta com os pedidos explícitos por intervenções militares ou outros tipos de ações golpistas.

Uma mensagem que eu passo para vocês: é um momento triste para milhões de pessoas, alguns outros estão vibrando, a velha minoria, é um momento de reflexão. Tem gente que está chateada comigo, que [eu] deveria ter feito alguma coisa, qualquer coisa, eu não poderia fazer o que o outro lado fez, e digo, para você conseguir certas coisas, mesmo dentro das quatro linhas, você tem que ter apoio (BOLSONARO, 2022).

Não é possível delimitar a que tipo de apoio Bolsonaro se referia, mas ele deixa claro que não sentiu segurança para tomar qualquer tipo de medida. Em dado momento, o ex-presidente fala até em possíveis consequências que o Brasil poderia sofrer. Posteriormente, já em 2023, minutas de decretos golpistas foram encontradas com apoiadores do político: uma delas estava com o ex-

ministro da justiça, Anderson Torre⁴s, e outra foi achada no celular do ex-ajudante de ordens do ex-presidente, o tenente-coronel Mauro Cid.⁵

A *live*, portanto, explicita um comunicado claro de que Bolsonaro tentou uma solução diante da derrota. Ele não deixa claro do que se trata, mas muitos dos tópicos que os apoiadores usaram como argumentos já haviam sido apresentados mesmo antes do processo eleitoral: o questionamento às urnas eletrônicas, a suspeição com relação ao sistema eleitoral e o ataque a algumas figuras relevantes, como o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Alexandre de Moraes.

O movimento bolsonarista, embora não possa prescindir do líder, se dá em várias esferas e espaços e sob diferentes influências e interferências. Mesmo com o longo silêncio de Jair Bolsonaro (PL) após a derrota no pleito eleitoral de outubro de 2022, lideranças proeminentes ligadas ao grupo de direita liderado pelo mandatário atuaram para insuflar manifestantes, buscar alternativas para reverter o resultado eleitoral e atacar as instituições democráticas – ações várias que estão no âmbito judicial em investigações promovidas pelas autoridades competentes.

Os movimentos de caráter golpistas começaram ainda em outubro de 2022, quando Jair Bolsonaro (PL) foi derrotado nas eleições presidenciais. Os apoiadores fecharam rodovias, montaram acampamentos nas portas de quartéis e outros espaços militares e empunharam cartazes com pedidos de intervenção militar. O momento mais emblemático dos atos se deu em 8 de janeiro de 2023, quando milhares de pessoas invadiram as sedes dos três poderes, em Brasília, e destruíram prédios públicos com pedidos de instauração de um regime de exceção.

A categoria “Estado Nacionalista” aparece na última *live* de Bolsonaro e reforça as razões conceituais do tipo de Estado defendido pelo movimento. São três características compreendidas como subcategorias: (a) o Neo Estado Militar, com o destacado protagonismo das forças armadas e a constante evocação da importância das mesmas na estrutura governamental; a (b) Razão Neoliberal, com a defesa de um Estado mínimo e políticas pró-mercado; e o (c) Conservadorismo, em que a roupagem ideológica se manifestava em pautas de costumes com forte associação ao pensamento cristão evangélico.

O “Estado Nacionalista” mostra-se fragilizado na perspectiva apresentada no último comunicado de Bolsonaro. O ex-presidente deixa claro que o movimento não finda com a derrota eleitoral. Ele alude à continuidade das ações e clama a união dos apoiadores.

⁴ <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/03/09/corregedor-do-tse-quer-ouvir-anderson-torres-em-acao-que-investiga-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em 19 de junho de 2023.

⁵ <<https://g1.globo.com/politica/blog/andrea-sadi/post/2023/06/16/pf-encontra-documento-com-instrucoes-para-golpe-de-estado-no-celular-de-mauro-cid.ghtml>>. Acesso em 19 de junho de 2023.

Então, vamos lá. Acredito em vocês, acredito no Brasil, acima de tudo acredito em Deus, temos um grande futuro pela frente. Perde-se batalhas, mas não vamos perder a guerra. Muito obrigado a todos vocês por terem proporcionado esses quatro anos à frente da Presidência da República. Foi compreendido por muitos, por outros não, querendo uma perfeição. Vocês sabem agora a importância da união, sabem dar valor à liberdade, o respeito ao próximo, amar a família, buscar sempre a paz, a harmonia, não da boca para fora apenas (BOLSONARO, 2022).

47

Jair Bolsonaro encerra sua passagem na Presidência da República com um manifesto público dirigido aos seus mais fiéis apoiadores. É característica própria dos movimentos populistas o canal direto entre líder e o povo. Neste caso, fugindo da pretensão à universalidade, o ex-presidente prefere demarcar o território de seu movimento político e enaltecer aquilo que considera o diferencial da esquerda, por vezes chamada pelo epíteto de “comunista”.

A categoria “Líder do Povo” versa sobre a forma martirial como Bolsonaro (PL) se apresenta aos apoiadores. Ele relembra o atentado que sofreu nas eleições em 2018 e diz que foi salvo graças a um milagre, reforçando aspectos de transcendência sobre sua chegada à presidência da República. Ao escolher um longo silêncio após a derrota, o político evitou passar mensagens objetivas aos apoiadores, mas não se furtou em mostrar fragilidade e em performar a simplicidade com a qual costumava se apresentar nas *lives*. A vestimenta simples, o rosto cansado e o choro em alguns momentos do vídeo mostram a proximidade que o líder sempre buscou construir junto ao seu público. Sua passagem pelo cargo é recordada como algo sofrido e feito como doação. “Eu, quando também perguntei, ‘meu Deus, o que eu fiz para merecer tudo isso que passei ao longo de quatro anos?’ Sacrifício familiar, sacrifício de momentos de lazer” (BOLSONARO, 2022).

O “Maniqueísmo e Conflito” está presente no antagonismo criado por Jair Bolsonaro (PL), especialmente ao se referir ao sucessor, o presidente Lula (PT), e à alusão ao comunismo – que acaba se tornando epíteto para se referir ao campo político oposto.

Jamais esperava chegar aqui, se chegar aqui teve um propósito, no mínimo, [foi] atrasar quatro anos do nosso Brasil aí [de] mergulhar nessa ideologia nefasta que há na esquerda, que não deu certo em lugar nenhum no mundo e não vai ser o Brasil em primeiro lugar a dar certo. (BOLSONARO, 2022).

O Populismo Bolsonarista encerra uma passagem pelo Governo, mas deixa claro que é um movimento político que seguirá presente na estrutura social, sobretudo com os chamamentos à resistência e à defesa dos valores incorporados pelo grupo.

BREVES CONSIDERAÇÕES:

Populismo Bolsonarista e perspectivas comunicacionais

O populismo é uma marca histórica da política brasileira. Para Weffort (2003), uma das grandes expressões do populismo no Brasil foi durante o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1964). O então presidente utilizou um discurso próximo às classes populares urbanas por meio do reforço da base sindical e da implementação das leis trabalhistas. Embora a participação da sociedade e de suas classes menos abastadas fosse tutelada pelas elites, foi a primeira grande expressão de participação política depois de longos períodos de domínio oligárquico na ainda jovem república brasileira. Outro fator destacado pelo autor é a fragilidade dos partidos nas expressões populistas do Brasil. A figura pessoal do líder e a aura mítica invocada por ele e seus apoiadores sempre estiveram acima das agremiações partidárias. Essa característica é apontada por Weffort (2003) na história do populismo brasileiro.

Os partidos são utilizados basicamente como legenda para garantir candidaturas ou como aliados eventuais e importantes. Casos expressivos desse modelo foram observados com Adhemar de Barros, que criou o Partido Social Progressista (PSP), em 1946, tendo amplo domínio personalista sobre este. Também, verificou-se algo parecido com Jânio Quadros, sempre alheio às estruturas partidárias e construindo sua carreira política sem vínculo algum constante ou profundo com agremiações. Bolsonaro (PL) traz à tona na história política brasileira um populismo com alguns conceitos ainda pouco observados ao longo da história: a matriz ideológica de direita e o caráter digital da ascensão do líder. Embora Jânio Quadros seja uma figura expressiva de uma espécie de populismo à direita, quadros ligados ao Vargasismo constituem os principais exemplos de populismo no Brasil: o principal nome é João Goulart. Vargas, embora não seja uma liderança propriamente de esquerda, tem seu principal reconhecimento ligado ao trabalhismo, o que o distancia de um ideário mais à direita e estritamente liberal.

Mendes e Marques (2006) também lembram o ex-presidente Lula (PT) como um exemplo do que seria um “novo populismo”. Essa ideia, no entanto, está muito mais associada a uma perspectiva econômica do que política. O petista é apontado como líder de um governo fundado em medidas econômicas compensatórias que criaram bases sociais de apoio ao seu projeto. O ex-líder sindical, porém, acabou por seguir pautas neoliberais, sobretudo no compromisso e na prioridade com os credores internacionais. A aliança com o mercado e com setores da política conservadora trouxe estabilidade ao Governo, enquanto as ações sociais construíram um tipo de contrato social com a massa mais pobre do País sem, todavia, enfrentar desafios estruturais.

O populismo no Brasil sempre esteve, pois, constituído de um apelo às massas mais pobres em vias de inclusão econômica: direitos trabalhistas com Vargas ou inserção ao consumo com Lula. Bolsonaro insere uma nova agenda à discussão pública brasileira à medida que assenta sua política em uma gama de pautas morais e conservadoras além de se aproveitar como um caminho de ordenamento e resolução simplista da desordem social e do sentimento de fragmentação vivenciado pela sociedade. O Brasil de 2018 vivenciara uma de suas piores crises políticas após os efeitos da Operação Lava-Jato e do impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff (PT). Cesarino (2020) aponta que as redes sociais on-line contribuíram para alimentar o senso de crise epistêmica e moral ao mesmo tempo em que ofereciam a figura personalista de um antissistema apesar de este ser um tradicional político dos quadros brasileiros desde o fim da década de 1980.

A aliança entre elites e algumas expressões populistas também podem ser observadas na ascensão de Bolsonaro à Presidência da República. O manejo de narrativas das mais diversas, que vão do apelo à ordem ao cardápio neopentecostal de valores conservadores cristãos, acaba por criar a ideia unificadora de povo e por dirimir discussões de classe. O aprofundamento do cerceamento a qualquer discussão sobre classes ou grupos minoritários fica ainda mais explícito na defesa da unidade do povo brasileiro acima dos debates sobre racismo, homofobia ou misoginia. O bolsonarismo rejeita o que chama de vitimismo e caráter divisor da esquerda. No entanto, o apoio do mercado empresarial ao Governo Bolsonaro, demarcado por seu compromisso com pautas neoliberais, circunscreve um papel de mediação ao movimento representado pelo ex-capitão. O líder, que fala à unidade do povo, preserva um compromisso primeiro com a classe dominante – aspecto histórico do processo político brasileiro.

Nas condições de crise de hegemonia, reserva-se ao líder ou ao partido populista a função de intermediário entre os grupos dominantes e as massas. Assim, o reconhecimento da legitimidade da dominação populista pelas classes populares significa, de certo modo, uma mediação – uma forma substantiva de hegemonia inexistente – para o reconhecimento do status quo dominante. Em uma palavra, a adesão das massas ao populismo tende necessariamente a obscurecer-se a divisão real da sociedade em classes com interesses sociais conflitivos e a estabelecer-se a ideia do povo (ou da nação) como uma comunidade de interesses solidários. (Weffort, 2003).

A consolidação de Bolsonaro como um líder populista unificador de uma demanda difusa experimentada ao longo dos últimos anos no Brasil encontra raiz em uma série de fatores históricos que não podem ser desconsiderados: as grandes manifestações de julho de 2013, o desgaste dos governos petistas (2003-2016), os desdobramentos da Operação Lava Jato, o descrédito com a classe política, o fortalecimento político de setores do cristianismo evangélico neopentecostal, a radicalização de setores da direita desde a derrota de Aécio Neves (PSDB) nas eleições presidenciais

de 2014 e a crise econômica aprofundada após 2015 dentre outras questões. Contudo, o papel da comunicação é fundamental e central para esta discussão. A mídia massiva, representada pelos grandes conglomerados midiáticos do Brasil, influenciou o debate político por meio de uma posição abertamente crítica aos governos petistas bem como de apoio à Operação Lava Jato.

Por outro lado, as mídias digitais forneceram a Bolsonaro uma oportunidade de mobilizar a opinião pública e a disseminar um conteúdo oposicionista ao sentimento de desordem vivida pela maior parte da população. Tal conjuntura é expressa por Cesarino (2020), que vê um processo gradual de unificação tendo o seu ápice no processo eleitoral de 2018. A difusa demanda experimentada em 2013 durante os protestos de rua ganhou novos contornos de unidade nas manifestações a favor do *impeachment* de Dilma Rousseff e contra a corrupção em 2015 e 2016. Ao assumir a pauta antissistema, Bolsonaro se torna a voz de liderança que simplifica o cenário entre a clássica divisão populista entre “nós” e “eles”. O povo pode, então, experimentar a força de seu líder no enfrentamento aos principais males que o aflige.

Nas formas espontâneas de populismo, a massa se vê na pessoa do líder e do projeto de Estado; abandona-se a ele, entrega-se à sua direção e, em grande medida, ao seu arbítrio; o controle direto que exerce sobre o líder não executa racionalmente pela análise política de suas ações concretas. A massa confia no líder e cabe a ele manter esta confiança. Qualquer ação discrepante pode avariar a imagem que legitima seu poder e se ele pode restabelecê-la; isto se deve menos às explicações racionais que possa oferecer que às novas ações que possam restabelecer confiança (Weffort, 2003)

Bolsonaro associou sua figura de liderança a um sistema de binarismos que foram construídos desde a campanha eleitoral de 2018 (Cesarino, 2020). O então candidato encarnava a ordem contra a desordem, cidadãos de bem contra bandidos e corruptos e até noções estéticas que associavam uma ideia de feiura às mulheres feministas, enquanto as bonitas seriam aquelas que aderem ao sistema líder-povo do bolsonarismo. O eleitor e, posteriormente, o apoiador se filia a uma estrutura de crenças que facilmente associa os adversários ao lado “sujo” da sociedade. Os opositores são vistos com desconfiança. No Governo, especialmente com a pandemia, os adversários que propuseram medidas de isolamento e buscaram organizar as ações de combate à disseminação do vírus passaram a ser considerados inimigos do Brasil e de seu povo.

Ao encerrar sua passagem pelo Governo, Bolsonaro (PL) mostra-se fragilizado e revela pouco apoio para reverter a derrota eleitoral, mas alude à continuidade do movimento político organizado ideologicamente a partir das pautas que assumiu: o nacionalismo ufanista a partir de uma visão liberal da sociedade divide a ode ao exército e aos valores morais conservadores. Uma expressiva parcela da sociedade brasileira passa a se compreender representada a partir do líder de

direita e encontra nele a voz para seus anseios – elementos que passam, primordialmente, pela forma de comunicação direta garantida pelas redes sociais e consolidação nas *lives* semanais promovidas pelo ex-presidente.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. Verdade e política. In: ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 282-325.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BOLSONARO, Jair Messias. **Prestação De Contas E Atual Momento Político Brasileiro**. Youtube, 30 de dezembro de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cUBms2ylt1o>>. Acesso em: 31 de maio de 2023.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CAPONI, Sandra. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 99, p. 209-223, 2020
- CESARINO, Letícia. Populismo digital, neoliberalismo e pós-verdade. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA, 7., 2019, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2019.
- CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & sociedade**, v. 1, n. 1, p. 91-120, fev. 2020
- DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2020.
- D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**. Barueri: Faro Editorial, 2018.
- EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. **Nacional-populismo a revolta contra a democracia liberal**. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. Coimbra: Grupo Almedina, 2019.
- GERBAUDO, Paolo. **Mídias Sociais, Política e o Estado: Protestos, Revoluções, Tumultos, Crime e Policiamento na Era do Facebook, Twitter e YouTube**. 2014.
- GOMES, V. B. **Analogias populistas na narrativa presidencial: contrapontos à ciência na Pandemia da Covid-19**. 2021. Disponível em: <https://repositorio.unip.br/dissertacoes-tesesprograma-de-pos-graduacao-stricto-sensu-em-comunicacao/analogias-populistas-na-narrativapresidencial-contrapontos-a-ciencia-na-pandemia-da-covid-19/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

HJARVARD, Stig. **A midiaticização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009.

MEDEE, Niels G.; SCHÄFER, Mike S. Science-related populism: Conceptualizing populist demands toward science. **Public Understanding of Science**, v. 29, n. 5, p. 473-491, 2020.

MENDES, Áquila; MARQUES, Rosa Maria. O Social no Governo Lula: a construção de um novo populismo em tempos de aplicação de uma agenda neoliberal. **Revista de Economia Política**, v. 26, n. 1, p. 58-74 jan./mar. 2006.

MIGUEL, Luís Felipe. **O colapso da democracia no Brasil: da construção ao golpe de 2016**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

ROODUIJN, Matthijs; LANGE, Sarah L.; BRUG, Wouter van der. A populist Zeitgeist? Programmatic contagion by populist parties in Western Europe. *Party Politics*, v. 20, p. 563-575, 2014.

SANTAELLA, Lúcia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?**. Baureri, SP: Estação das Letras e das Cores, 2019.

SILVA JUNIOR, João dos Reis; FARGONI, Everton Henrique Eleutério. **Bolsonarismo: a necropolítica brasileira como pacto entre fascistas e neoliberais**. REVEDUC, São Carlos, v. 14, 2007.

WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.



DOI: <https://doi.org/10.32459/2447-8717e236>

Artigo recebido em: junho 20, 2023

Artigo aprovado em: 2023-11-24

Artigo publicado em: 2023-12-07